

LITERATURA E MÚSICA EM TRÂNSITO(S)

CINARA ANTUNES FERREIRA
CARLOS WALTER SOARES
(ORGANIZAÇÃO)

editora

ZO
UK



LITERATURA E MÚSICA EM TRÂNSITO(S)

CINARA ANTUNES FERREIRA
CARLOS WALTER SOARES
(ORGANIZAÇÃO)

Porto Alegre • 2024 • 1ª edição

editora
ZO
UK

2024 © Cinara Antunes Ferreira & Carlos Walter Soares

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk
Formatação e Revisão: Amanda Beck Gnoatto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

Elaborado por Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129

L755

1.ed. Literatura e música em trânsito(s) [livro eletrônico] / organizadores
Cinara Antunes Ferreira, Carlos Walter Soares. – 1.ed. – Porto Alegre,
RS : Editora Zouk, 2024.
24 Mb; ePUB.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5778-169-2

1. Canções e músicas. 2. Crítica literária. 3. Literatura – Crítica e
interpretação. I. Ferreira, Cinara Antunes. II. Soares, Carlos Walter.

11-2024/43

CDD 810.95

Índice para catálogo sistemático:

1. Crítica literária 801.95

direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

Apresentação

No âmbito do comparatismo, crescem as pesquisas que indagam textos literários e musicais, entendendo-os como produções que podem dialogar entre si e com outras linguagens. As investigações que estabelecem algum tipo de comparação entre literatura e música se nutrem dos inúmeros trânsitos e conexões que as artes estabelecem. Para além de música e literatura serem aproximadas pelo fato de se desenvolverem no tempo e por terem sua base material na sonoridade, a riqueza de seus campos permite formas diversas de interação, tanto no processo de criação artística quanto na apreensão de seus significados.

Em vista desse diálogo e do aproveitamento que a sua exploração pode gerar, esta obra reúne doze artigos e uma entrevista em torno da reflexão sobre as relações entre literatura e música, consideradas em suas especificidades e como domínios conceituais distintos que constantemente se entrecruzam. Portanto, em uma perspectiva transdisciplinar, a obra aproxima essas artes / mídias e estabelece relações entre conceitos e abordagens investigativas que integram os dois campos.

Carlos Augusto Bonifácio Leite, no ensaio “‘Noturno’, de Oswald de Andrade, e a canção de Catulo como parte e contraste”, reflete sobre as relações entre o poema de Oswald de Andrade e os versos de Catulo da Paixão Cearense, em especial a respeito de um tema folclórico modificado por João Pernambuco em “Luar do sertão”, canção de grande sucesso em 1914. O autor ressalta que, enquanto Oswald opta pela síntese econômica, Catulo constrói sua canção sob o signo da redundância. Para Leite, nos dois casos a natureza brasileira está presente, mas os caminhos que ambos tomaram para dar a ver essa natureza são muito diversos.

Em “Telas e janelas da canção: intermedialidade em Adriana Calcanhotto”, Carlos Walter Soares e Cinara Antunes Ferreira propõem olhar para a produção artística de Adriana Calcanhotto a partir do conceito de intermedialidade, considerando-a uma arte de fronteira que ocupa um entrelugar na cultura brasileira. Além das relações intermediais (entre letra e música) inerentes ao gênero canção, levam em conta o aspecto visual presente em suas composições. Para tal, analisam a intermedialidade na canção “Esquadros”, do álbum *Senhas* (1992), a partir da qual tecem comentários sobre outras peças da compositora.

Na perspectiva do entrelugar, Caroline Soares de Abreu parte de sua experiência particular para pensar numa proposta de aproximação dos estudos musicais aos estudos decoloniais. Para tal, realiza uma pesquisa sobre estudos decoloniais em música e traz esses diálogos para refletir sobre sua atuação profissional, especialmente em relação à prática de docência no curso de música da UFRGS.

Dennys Silva-Reis, no ensaio “Victor Hugo não gostava de música?”, trata da relação do escritor com tais produções sonoras. Nesse sentido, retomam-se textos e atos de Victor Hugo relacionados ao seu pensamento musical, às artes musicais e aos músicos. O autor indaga de que maneira se explica o esquívamento de Hugo em relação à música ou, ainda, se não seria tal depreciação musical meramente logro de estudiosos contemporâneos do escritor francês.

Em “A paisagem sonora gótica em *O retrato de Dorian Gray*”, Gerson Werlang analisa a paisagem sonora no romance de Oscar Wilde (1854-1900). Muitos aspectos do romance gótico têm sido largamente estudados, porém, segundo o autor, o aspecto sonoro tem sido negligenciado. Desde o princípio, o gênero se utiliza não apenas de atmosferas densas e paisagens lúgubres, como também de sons que geram tensão ou medo. Este estudo propõe a análise das sonoridades constantes no romance gótico a partir do conceito de *paisagem sonora* do musicólogo e compositor canadense R. Murray Schafer, aqui transpostos para a literatura.

Em “O cancionista que ganhou o prêmio de melhor cantautor: sedimentações e tensionamentos no álbum *Salvavidas de hielo* de Jorge Drexler”, João Vicente Ribas escreve sobre a canção na América Latina de um tipo de artista que conjuga entre letra, melodia e voz. Entre os cancionistas latino-americanos, o autor debruça-se sobre a produção do uruguaio Jorge Drexler (Montevideu, 1964), cujo investimento criativo configura-se como performance de *cancionista*, apesar do prêmio recebido de melhor *cantautor*.

O ensaio “– Qual o quê?: análise intracancional e sua contribuição para o debate sobre ‘Com açúcar, com afeto’, de Chico Buarque”, de autoria de Leandro Maia, traz para o debate a afirmação polêmica de Chico Buarque na série documental *O canto livre de Nara Leão* (2022) em torno da canção “Com açúcar, com afeto”, composta por ele em 1966 a pedido da cantora. O autor destaca a importância de abordar as especificidades desse gênero literário e musical a partir de aspectos intracancionais, visando

indicar parâmetros básicos de escuta para compreender cada canção em seu universo de significação, e aspectos extracancionais, que envolvem reflexões para além da relação interna entre letra e música.

Também sobre a obra de Chico Buarque, Luís Augusto Fischer discorre sobre a percepção do compositor em relação à televisão, fenômeno que mudou para sempre nosso modo de ver e sentir as coisas, ou seja, mudou as coisas. E, para essa reflexão, analisa a obra de Chico Buarque, artista que percebeu de modo perspicaz essa mudança no modo de ver o mundo através de janelas presentes em suas canções e romances.

Reconhecendo em Vitor Ramil um artista que, como poucos, estabelece uma profícua intertextualidade entre suas canções e a poesia, Marcos Lacerda, em “Vitor Ramil e a poesia na canção”, faz um apanhado sobre a presença da poesia na produção artística desse compositor. Segundo o ensaísta, os poemas-canções atravessam a sua obra, de ponta a ponta, desde o primeiro disco, de 1981, em que há um verso de Fernando Pessoa, até o último, *Avenida Angélica*, todo feito em torno dos poemas da poeta gaúcha Angélica Freitas.

Em “A criação antropófaga em *Memórias sentimentais de João Miramar*: extraindo a canção do texto literário”, Rejane Pivetta de Oliveira e Alércio Pereira Júnior articulam a pesquisa acadêmica à criação artística, explorando as mútuas imbricações entre literatura e música, e apresentando pelo relato racionalizado o ato composicional a que se propuseram a partir da leitura do romance de Oswald de Andrade. Através do trabalho de criação e reflexão, os autores buscam explicitar como as teses acerca do estilo telegráfico e cinematográfico de Oswald de Andrade, somadas a uma possível partitura tupi, imbricada na gênese do texto oswaldiano, estão na base da canção, que se alimenta desses fatores estilísticos, encontrados na forma da própria linguagem, sem o estabelecimento de critérios prévios para a sua construção.

Roniere Menezes, em “Canto a contrapelo: poesia e música popular em João Cabral”, trata da questão musical em João Cabral de Melo Neto tomando como base cantos populares. O autor pondera que, ao se tomar como objeto de análise os poemas de João Cabral voltados à temática musical, à imagem do canto, do cantor, da cantora – além de alguns ensaios e entrevistas que tocam na questão –, pode-se criar uma boa base para a avaliação de todo o seu projeto literário.

Ainda sobre a obra do poeta pernambucano, em “Uma parceria de desavença: *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, musicada por Chico Buarque”, Thaís Lima Nicodemo e Luca Bacchini retomam o contexto de estreia da peça *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, pelo grupo do Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca) no dia 11 de setembro de 1965. Os autores evidenciam as condições e razões que levaram a peça ao sucesso extraordinário no Brasil e no exterior. Além da música do jovem Chico Buarque de Hollanda entre as razões do sucesso, identificam o amadorismo do Tuca e a abordagem totalizante com que o grupo se aproximou do texto de João Cabral.

Em “Transitar é comigo mesmo”, fechamos esta obra com uma entrevista com o compositor, letrista, cantor e escritor gaúcho Vitor Ramil, que transita de modo magistral entre música e literatura em suas canções e, além disso, empreende uma profunda reflexão sobre esse processo em sua criação artística.

Desejando que o conteúdo deste livro fomente muitos e tantos outros trânsitos entre Literatura e Música, expressamos nosso agradecimento aos autores e às autoras dos artigos aqui reunidos; ao Vitor Ramil, pela generosidade das reflexões; ao Leandro Maia, pela valiosa colaboração na entrevista mencionada; à Amanda Beck Gnoatto, pela formatação e revisão dos textos; bem como ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo apoio neste trabalho.

Os organizadores